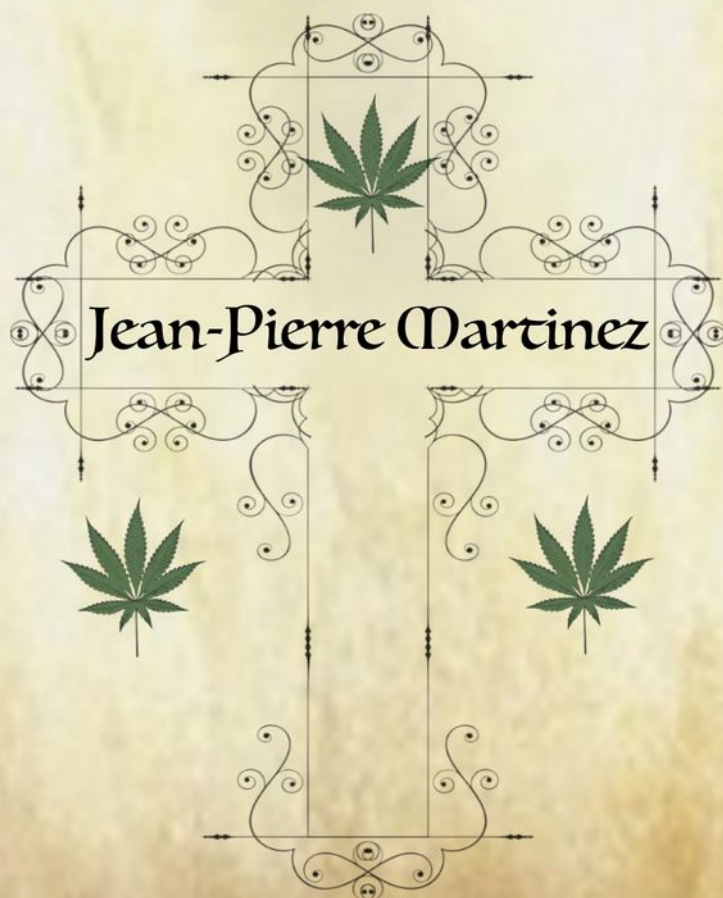


La Comédiathèque

Milagre
no covento de
Santa Maria-Joana



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente á leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:
<https://comediatheque.net>**

Milagre no convento de Santa Maria-Joana

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Na loja conventual cujas vendas financiam as boas obras das irmãs ervanárias, o famoso elixir de Santa Maria-Joana perdeu todo o esplendor de outrora, a ponto de pôr em risco a economia desta peculiar comunidade. Felizmente ou infelizmente, a Irmã Ana, que estava encarregada da destilaria do convento, morre, o que levará à chegada da irmã Inês, uma freira revolucionária noviça que a substituirá nesta delicada posição. A Irmã Inês conseguirá renovar a fórmula do elixir e decidirá acrescentar uma erva misteriosa à preparação. O sucesso espetacular da nova confecção dará muito o que falar... Será este o último milagre de Santa Maria-Joana?

Personagens

Madre Superiora

Irmã Prudência

Irmã Inês

Teresa

Bernardo

Victorina

António

Sam

Traficante

Polícia

© La Comédiathèque

ACTO 1

A loja do Convento de Santa Maria-Joana vende vários produtos monásticos (bebidas, biscoitos, geleias) e outras bugigangas religiosas (velas, estatuetas, livros). O famoso elixir de Santa Maria-Joana destaca-se entre as prateleiras e expositores. Irmã Prudência faz as contas enquanto Teresa, a voluntária que a ajuda, revisa Prateleiras. Teresa fala com um pouco de otimismo forçado.

Teresa – Teremos que pedir mais marcadores de livros com a imagem de Santa Maria-Joana. Ultimamente eles têm vendido como churros!

Irmã Prudência – Sim, mas mesmo que pudéssemos multiplicar esses churros... Aos 50 cada um, não seriam suficientes para levar este negócio para a frente.

Teresa – Vamos, Irmã Prudência... vamos manter a fé! Embora, infelizmente, não lhe falte razão... Além disso, não tivemos muita clientela esta manhã que possamos dizer...

Irmã Prudência – Mesmo nossos paroquianos mais fiéis preferem ir ao centro da cidade para comprar presentes de Natal.

Teresa – Trata-se de comprar produtos feitos na China ou sabe-se lá de onde... Aqui, ao contrário, todo é feito pelas irmãs de forma artesanal.

Irmã Prudência – Sim, Teresa, somos os únicos intermediários entre o nosso criador e o consumidor.

Teresa – Infelizmente, neste momento, tudo o que é monástico está a passar por um grande défice de juros.

Irmã Prudência – Sim, e a nossa conta bancária, por causa de um grande défice, sem mais nem menos.

Teresa – A situação é assim tão má?

Irmã Prudência – Bem, não estamos aqui para ter lucro, naturalmente. Mas se as vendas continuarem a cair, a menos que um milagre aconteça, acabaremos por ter para fechar a loja.

Bernardo aparece em cena empurrando um carrinho de mão com uma caixa de bebidas.

Teresa – Homem, Bernardo!

Bernardo – Os meus respetos, Teresa. Bom dia, Irmã Prudência.

Teresa – Oh... Tenho a impressão de que a caixa pesa muito, não é verdade?

Irmã Prudência – Sim, felizmente um dos nossos paroquianos, António, acaba de se reformar e doou-nos o carrinho de mão que ele usou na sua loja.

Bernardo – No que diz respeito às minhas costas, tem sido como um presente do céu, porque com esta ciática... Queres ajudar-me, Teresa?

Teresa – Claro, claro.

Bernardo e Teresa levam a caixa entre eles e, fazendo um esforço, levam-na até ao contador.

Teresa – Ufa, isto é pesado como um cadáver! O que há dentro?

Bernardo – Bem, a última produção de licor da nossa querida Irmã Ana, que descanse em paz. A próxima decoração virá da mão da Irmã Inês.

Teresa – Irmã Inês?

Irmã Prudência – Sim, ela é a noviça que irá substituir a Irmã Ana na destilaria.

Teresa – Oh sim, é verdade! Compreendo que ela chegou há alguns dias, mas ainda não tivemos a oportunidade de a conhecer pessoalmente.

Irmã Prudência – Na verdade passa o dia nas montanhas à procura das plantas necessárias para fabricar o nosso licor.

Teresa pega numa garrafa e admira o rótulo.

Teresa – O famoso elixir de St. Maria Joana, aquele que é suposto curar todos os nossos males.

Bernardo – E faz-nos redescobrir a paixão dos nossos vinte anos.

Irmã Prudência – Tem dúvidas?

Teresa – Não, não, naturalmente... Mas...

Bernardo – Oh... Se ao menos isto pudesse curar a minha ciática...

Irmã Prudência – Não brinque, Teresa, que este licor sagrado ainda é o produto emblemático do nosso convento.

Teresa – Sim, mas digamos, também é verdade que ultimamente não temos vendido muito, e já não sabemos onde vamos colocar tudo isto.

Irmã Prudência – Bem, há alguns anos atrás vendia pelo menos duas garrafas por dia.

Bernardo – Devemos procurar algo para impulsionar as vendas. Mas, bem, não deixa de ser uma mistura medicinal, não que se tome todos os dias como um aperitivo.

Teresa – Sim, algo que, a traria de volta à vida.

Bernardo – Um elixir da juventude que precisa de ser rejuvenescido... Terá de admitir que isto não dá muita confiança. De qualquer forma, quanto mistério com a receita para este licor, certo? Quando a Irmã Ana ia às montanhas para recolher plantas lembrava-me o druida de Asterix.

Teresa – Bernardo, a Irmã Ana não era nada como Panorámix.

Bernardo – Mulher, eu não disse isso por causa da barba...

Irmã Prudência – Bem, meus filhos, não blasfemem, porque a Irmã Ana acabou de se encontrar no céu com o nosso Senhor Jesus.

Teresa – É uma santa. Deus a tenha em descanso.

Irmã Prudência – Gostaria também de vos lembrar que devemos a receita deste licor sagrado a fundadora da nossa ordem.

Teresa – Que teve uma revelação na qual ouviu vozes.

Irmã Prudência – E graças a Deus, porque as vendas deste elixir divino permitiram ao nosso convento continuar a sua missão até aos dias de hoje.

A Madre Superiora entra, seguida pela Irmã Inês.

Madre Superiora – Bom dia, filhos.

Irmã Prudência – Bom dia, Madre.

Madre Superiora – Apresento-vos a Irmã Inês, a nossa nova irmã. Antes de deixarmos, a Irmã Ana transmitiu-lhe o seu testemunho, por isso será ela a destilar o nosso elixir a partir de agora.

Irmã Prudência – Bem-vinda ao convento de Santa Maria-Joana, Irmã.

Teresa – É com prazer que constatamos que, apesar da crise de vocação, continuamos a ter entre os nossos jovens candidatos à vida monástica.

Bernardo – Já estudou botânica, talvez?

A Irmã Inês tenta responder, mas a Madre Superiora responde por ela.

Madre Superiora – A Irmã Inês completou o Curso Superior de Comércio.

Bernardo – Bem, não é uma coisa pequena, é um bom treino.

Teresa – Queres tu dizer? Perfeita, para destilar licor...

Bernardo – Quero dizer, para uma freira. Apesar do desemprego que temos, os licenciados das principais escolas raramente decidem entrar num convento.

Teresa – Assim, vê-se que todas as estradas podem levar ao nosso Senhor Jesus Cristo.

Irmã Inês – Bem, a verdade é que eu decidi tomar os hábitos depois de ver a virgem.

Bernardo – Desculpe-me?

Irmã Prudência – Durante uma peregrinação a Lourdes talvez? No fundo de uma gruta como a nossa amada Bernadette?

Irmã Inês – Estava na verdade na faculdade... Na parte de trás de uma dessas aulas magnas..

Bernardo – Num PowerPoint?

Madre Superiora – Quando a Virgem Santa se manifesta a nós, filho, ela não nos deixa escolher nem o local nem a hora.

Irmã Prudência – Claro, afinal, Deus está em toda a parte. Porque não na universidade?

Madre Superiora – Seja como for, a sua chegada parece ser um sinal para nos encorajar para continuar a nossa missão. Além disso, tendo em conta as suas competências encarreguei a Irmã Inês de relançar as vendas dos nossos produtos.

Bernardo – Excelente ideia!

Madre Superiora – Para além de trabalhar na destilaria, a Irmã Inês estará também aqui convosco. Peço-lhes que tenham a gentileza de a pôr ao corrente de tudo que fazemos. E se conseguirem pensar em alguma melhoria...

Irmã Prudência – Conta connosco, Madre.

Madre Superiora – Confio-a a vocês. A propósito, o Natal está a chegar, portanto, enquanto ainda posso, vou voltar para tratar do presépio.

A Madre Superiora deixa o local.

Irmã Prudência – Bem, devo explicar um pouco como tudo isto está a correr?

Irmã Inês – Sim, vamos lá. É uma loja muito agradável, claro. Algo clássico talvez...

Irmã Prudência – É que mais do que uma loja, esta é uma missão.

Irmã Inês – Claro que sim, Irmã. Mas para cumprir a nossa missão, precisamos de meios, não é assim?

Irmã Prudência – As vendas dos nossos produtos permitem-nos pagar as despesas do convento. Mas também para financiar algumas obras sociais.

Irmã Inês – Sim, a Madre Superiora falou-me sobre isso. Lutais contra as máfias da droga, certo?

Irmã Prudência – Sim, dentro das nossas possibilidades, claro.

Bernardo – Sem armas, sem ódio, sem violência, é claro.

Irmã Prudência – Teresa e Bernardo fazem parte da equipa de voluntários que nos ajudam a levar a cabo a nossa tarefa.

Teresa – Tenho apenas tentado ser um pouco útil... E como também sou solteira...

Irmã Prudência – Olha, de facto, é melhor que Teresa te apresente a nossa gama de produtos, ela conhece-a muito melhor do que eu.

Teresa – Bem, como pode ver, temos uma grande variedade de artigos. Entre eles, o mais notável continua a ser o nosso famoso elixir de juventude, feita, como bem sabe, a partir de ervas locais.

Irmã Inês – Sim a Irmã Ana revelou-me o segredo da receita pouco antes de morrer.

Irmã Prudência – Um segredo que é transmitido de irmã para irmã, de geração para geração.

Bernardo – Como? Eu não conhecia esse estranho hábito.

Teresa – Quando a irmã ervanária sente o fim, pouco antes de receber os últimos sacramentos, confia o segredo àquele que será o seu sucessor. Felizmente, nos conventos, raramente se morre violentamente.

Bernardo – Um segredo tão bem guardado como o da Coca-Cola!

Irmã Prudência – Infelizmente, hoje o elixir de Santa Maria-Joana vende cada vez menos.

Bernardo pega numa garrafa e examina-a.

Bernardo – A verdade é que tem um ar vintage que lhe dá um certo encanto. Mas bem... Nem sequer me lembro da última vez que o experimentei.

Teresa – Ah! Bem, vou dar-te uma amostra, para que possas ter uma ideia.

Teresa pega numa garrafa do balcão e serve um copo para João Bernardo, que toma-o de uma só vez, fazendo uma pequena careta.

Teresa – Que tal?

Bernardo – Sim, é... Mmm... É engraçado... E isto está à venda?

Irmã Prudência – Cada vez menos, infelizmente.

Irmã Inês – Bem, devo confessar que também não estou muito surpreendida. Teria de ser modernizar o rótulo, renovar a receita e... Tem um website?

Irmã Prudência – Refere-se ao convento?

Irmã Inês – Em qualquer caso, pelo menos para a loja.

Irmã Prudência – Bem, francamente, é algo que nunca antes pensamos ser indispensável.

Irmã Inês – Precisaríamos de pelo menos uma página no Facebook. Poderíamos lhe chamar... "Os Amigos de St. Maria- Joana". O que é que pensa?

A Irmã Prudência está surpreendida com estas ideias revolucionárias.

Entre Victorina, uma antiga paroquiana coquete, mas um pouco doente devido à idade.

Victorina – Bom dia, bom dia.

Teresa – Bom dia, Dona Victorina. Como está esta manhã?

Victorina – Oh... Sabe... Na minha idade... Venho do confessionário, como todas as quintas-feiras. Depois da minha marcação de cabelo, pensei em fazer-lhes um visita.

Bernardo – Todas as quintas-feiras? Tem tantas coisas que confessar?

Irmã Prudência – Veja lá, Bernardo...

Victorina – Podia ir perfeitamente apenas uma vez por mês.

Bernardo – Ir à confissão?

Victorina – Não, para o cabeleireiro. Mas o que quer que eu diga... Estou entretida...

Teresa – Talvez queira aproveitar a oportunidade para fazer algumas compras de Natal, Sra. Victorina.

Victorina – Bem, francamente...

Teresa (*à Irmã Inês discretamente*) – Penso que esta é a ocasião para lhe deitar a mão, Irmã Inês, vou deixá-la só.

Irmã Inês – Bom dia, senhora. Posso ajudá-la? Precisa de alguma coisa em particular?

Victorina – Ora, Ora, uma nova freira! Eu não conhecia esta.

Irmã Prudência – Esta é a Irmã Inês, Dona Victorina, a nossa nova irmã.

Victorina – Oh, meu Deus, pobre criança! Mas porque vieste enterrar-te aqui? Com a tua idade? Os conventos devem ser reservados para aqueles que já não têm ocasião para pecar.

Teresa – Por favor, Dona Victorina...

Victorina – E o que a levou a tomar o hábito, Irmã Inês? Uma desilusão amorosa?

Irmã Inês – Uma aparição da virgem.

Victorina – O que queres dizer? Na tua idade, filha, tens de ver o lobo, não a virgem!

Irmã Inês – Bem, você disse que não estava muito em forma? Um pequeno restaurativo não faria mal. Imagino que conheça o nosso famoso elixir da juventude.

Victorina – Olha como ela é gira... é simpática, apesar de tudo...

Inês pega numa garrafa do elixir e dá-a à Victorina.

Irmã Inês – Leve, parece que ele é bom para tudo.

Victorina – Oh sim! o rejuvenescedor do Abade Rato... Lembro-me... O minha avó tinha sempre uma garrafa no armário.

Irmã Inês – Não, Dona Victorina, este é o licor de Santa Maria-Joana. De acordo com os nossos clientes, o efeito é muito melhor do que o do Abade.

Teresa – Não exageremos, não façamos publicidade enganosa.

Bernardo – Isto não vai restaurar a sua juventude, Sra. Victorina, mas vai ajudá-la suportar os efeitos da velhice.

Irmã Inês – Leva então uma garrafa?

Victorina – Bem, para vos dizer a verdade, ainda tenho uma que a minha avó me deixou quando ele morreu. Sabe... Hoje em dia já ninguém leva essas coisas...

Irmã Inês – Não tenho a certeza se o da sua avó ainda está em boas condições. Pode ser um elixir milagroso, mas ainda tem uma data de expiração.

Victorina – É melhor levar um marcador de livro para o missal, pois perdi o que tinha.

Aparece António, outro paroquiano bem apresentado mas também com sinais de velhice.

António – Senhoras, senhores, irmãs.

Bernardo – Bom dia, António. Também vieste de confissão?

António – Oh não... Acabei de vir do bar. Acabei de registar o totoloto, como faço todas as quartas-feiras.

Bernardo – Pois faz você muito bem, António, faz você muito bem. A sorte está a sorrir. Não é assim, Teresa?

Teresa – A sorte é o que os mais cépticos chamam aos milagres.

António – Em qualquer caso, se eu ganhar alguma coisa, não se preocupem, irmãs, eu faço-vos um pequeno donativo para as suas obras.

A Irmã Inês – Rezarei por isso ao Senhor para a ajudar com um pouco de sorte.

Bernardo – Em todo o caso, obrigado pelo carrinho, as minhas costas agradecem-lhe. Entretanto, ainda estamos à espera de um milagre para curar a minha ciática.

António – Bom dia, Madame Victorina. Como está elegante hoje!

Victorina olha para ele de lado mas acaba por sorrir para o elogio.

Victorina – Bem, acabei de sair do cabeleireiro.

António – Nesse caso, essa cor fica-lhe perfeitamente bem.

Victorina – Obrigado, António.

António – A verdade é que é muito... muito, primaveril, com esses reflexos alaranjados...

Victorina – Alaranjados? Acha que sim?

António – Não, na verdade, alaranjados não são... Eu estava a dizer...

Victorina (*à Irmã Inês*) – Achas que tenho cabelo cor-de-laranja, minha pequena Inês?

Irmã Inês – Não sei bem, é um pouco como... Azul... petróleo, certo?

Victorina responde horrorizada.

Victorina – Azul petróleo?

Irmã Inês – Não, na verdade é mais como... Azul... Metalizado.

Bernardo – Azul metalizado? Olha, tal como o meu carro.

Victorina – Bem, vou voltar para o cabeleireiro! Eles vão ouvir-me!

Irmã Inês – E esta garrafa, Dona Victorina? Devo guardá-la?

António – Olha! O elixir de St. Maria-Joana! Já nem sequer me lembrava que ele existia!

Irmã Inês – Os grandes clássicos são eternos, mas a Dona Victorina ainda duvida...

Victorina – Sabe, estes elixires milagrosos... Tenho-os tomado toda a minha vida o Abade Rato e olha para mim.

António – Bem, acho o resultado espectacular, minha querida Victorina.

Victorina – Que quer você dizer?

António – Vá lá, vou oferecer-lhe esta garrafa.

Victorina – Obrigado, mas não sei se devo...

António – Sim, e por isso convida-me a tomar uma bebida consigo.

Victorina – Bem, porque não?

Teresa – Aqui está! Esta é a nossa primeira venda.

A Irmã Prudência mete uma garrafa num saco à Victorina e a António paga a garrafa.

Teresa – Logo me contaram vocês o efeito.

António – Dê cá, eu levo-o por si e de caminho acompanho-a.

Victorina – Bem, estou encantada, António, com prazer.

António – O seu cabelo está muito bem feito, garanto-lhe.

Victorina – Acha mesmo que sim?

Victorina e António deixam o local. A Victorina, na excitação, esquece a sua bolsa.

Teresa – Pelo menos, parece que este elixir tem o poder de unir corações solitários.

Bernardo – Infelizmente, receio que ambos estejam mortos antes de poderem terminar a garrafa.

A Irmã Prudência dá-lhe um olhar desaprovador.

Irmã Prudência – Bernardo!

Bernardo – Oh, não! Eu não quis dizer que o elixir lhes fará algum dano... Apenas, à taxa de uma chávena por mês, não será suficiente para superar as contas do convento.

Irmã Inês – Daí a necessidade de uma mudança nos nossos métodos de venda.

Irmã Prudência – A palavra "mudar" é uma palavra que soa um pouco estranha numa convento, não acha, Irmã?

Irmã Inês – É isso mesmo. As tradições são muito importantes, mas se o convento ficar sem recursos, as suas obras sociais serão afectadas.

Irmã Prudência – Bem, tem razão, mesmo que me custe admiti-lo. Receio que este ano, a menos que ocorra um milagre, já não teremos meios para continuar com a nossa missão na luta contra a droga.

Irmã Inês – Bem, sabem que mais? Proponho-me a conseguir esse milagre.

Irmã Prudência – Irmã Inês, está tudo bem? Parece um pouco exaltada.

Irmã Inês – Eu sei como relançar as vendas do nosso elixir, Irmã!

Teresa – Conte, Irmã Inês, conte.

A Irmã Inês – Encontrei uma erva na montanha.

Teresa – Uma erva? Bem, não há nenhuma por aqui...

Irmã Inês – Sim, mas é uma planta que não é reconhecida em nenhum dos livros sobre botânica que encontrei na biblioteca do convento.

Bernardo – Tenha cuidado, Irmã Inês, que as ervas são como cogumelos, não se pode fiar muito nelas.

Irmã Inês – Bem, experimentei-a numa nova receita para o licor e o resultado é espectacular, garanto-vos. Tem melhor sabor e os efeitos parecem ser duplicados. Eu penso que se o colocássemos à venda, conseguiríamos mais clientes.

Bernardo – Isto está definitivamente a tornar-se cada vez mais parecido com a poção mágica de Panorámix.

Irmã Prudência – Não sejamos ainda muito apressados... A fórmula deste elixir é multicientenário. Para a alterar seria uma decisão demasiado importante, teriam de acordar três quartos das irmãs do convento.

Irmã Inês – E teria de preparar uma sessão de degustação com a Madre Superiora.

Irmã Prudência – Acha mesmo que deve ser incomodada por isso?

Bernardo – Pois foi ela própria que nos encorajou a reformar o nosso métodos.

Irmã Inês – Podemos manter as tradições sem ter de rejeitar o novas ideias.

Irmã Prudência – Bem, Teresa, faça-me um favor, vá e encontre a Madre Superior. Ela está na capela a preparar o presépio.

Teresa – Vou já para lá, irmã.

Teresa deixa o local.

Irmã Prudência – Como o vamos fazer, então?

Irmã Inês – Já preparei um pequeno frasco do meu novo elixir.

Bernardo – Um frasco? Era o que eu estava a dizer quando falava da poção mágica...

Irmã Inês – Podíamos fazer uma degustação às cegas.

Irmã Prudência – Irmã Inês, não pretende pôr a Madre Superiora a brincar à cabracega?

Irmã Inês – Não, é simplesmente uma questão de lhe dar uma amostra do elixir tradicional e do novo sem lhe dizer qual é qual. Dessa forma, pode decidir objectivamente sobre um.

Bernardo – Oh, meu Deus!

Irmã Prudência – Bem, tudo bem... De qualquer forma, não tenho a certeza de que tudo isto é muito católico...

Eles estão a preparar tudo para a sessão de degustação. Antonio e Victorina regressam ao palco.

Victorina – Oh... Já nem sei onde está a minha cabeça... Esqueci-me da minha bolsa.

António – O elixir ainda não teve tempo de fazer efeito. Algumas vezes também estou a perder a minha memória.

Irmã Inês – Oh! António, Victorina, vocês vêm a calhar! Estávamos à procura de voluntários!

António – Voluntários?

A Irmã Prudência olha para ela e está um pouco mais calma. A Madre Superiora chega com Teresa.

Madre Superiora – Bem, vamos ver isso, filhos.

Irmã Inês – Madre, preparei uma nova fórmula para o elixir de Santa Maria-Joana e eu gostaria de saber a sua opinião. Vou dar-vos a todos um bocado de duas pequenas amostras do elixir sem lhes dizer o que é o novo.

Madre Superiora – Está bem...

A Irmã Inês, observada por todos, serve uma primeira rodada e dá um pequeno copo a cada um. Após um momento de hesitação, todos na sala provam tranquilamente o licor.

Bernardo – Mmm... Sim...

Irmã Prudência – Esta é a receita tradicional, não é?

Teresa – Pois não é mau, mas...

Victorina – É um restaurador como qualquer outro...

Antônio – De qualquer forma, ainda tem um pouco de sabor a medicina...

Madre Superiora – Sim, é o elixir de St. Maria-Joana. E depois?

A Irmã Inês, sem dizer nada, serve o novo elixir. Quando o bebem, todos reagem de uma forma mais expressivo.

Teresa – Oh, sim!

Bernardo – Este sabe muito melhor do que o outro.

Madre Superiora – Sim, isso é engraçado...

Antônio – Não há nada de errado com ele...

Irmã Prudência – Encontro nele um sabor a maçã.

Irmã Inês – É porque leva maçã.

Madre Superiora – Mas é necessário que este elixir continue a ter o mesmo efeitos benéficos do que o anterior.

Irmã Inês – Não tirei nada, apenas acrescentei aquele pequeno toque.

Victorina – Bem, eu tentaria de novo só para ter a certeza.

Irmã Inês – Está bem, mas só tenho mais um copo para encher.

A Irmã Inês enche o copo e dá-o à Madre Superiora, que o passa à Irmã.

Prudência e esta para Bernardo.

Madre Superiora – Sim, é...

Irmã Prudência – Sim, esta é a boa.

Bernardo – Mmmm... Que sensação de bem-estar!

Bernardo fica com o seu copo na mão com um olhar distraído no rosto.

Teresa – A viajar, Bernardo, a viajar!

Bernardo – Oh sim, sou eu, Bernardo, é verdade. Desculpe, parece que tenho a cabeça noutra lugar...

O ambiente é descontraído.

Irmã Inês – Meu Deus, acho que voltei a ver a Virgem.

Irmã Prudência – Outra vez? Mas onde?

Irmã Inês – Aqui, no fundo do meu copo!

Antônio – Vá lá, eu também! E não é a primeira vez!

Um a um, eles começam a rir e não conseguem parar.

Madre Superiora – Penso que o melhor que devemos fazer é parar aqui a sessão de provas.

Irmã Prudência – Sim, eu não sei realmente o que se passa comigo. Também tenho a impressão ter visões.

A Victorina tira um espelho de bolso da sua bolsa e olha-se a si própria.

Victorina – De que cor pensa que é agora o meu cabelo?

Antônio – Eu diria rosa.

Victorina – Sim, foi o que eu pensei.

Madre Superiora – É verdade que é muito relaxante. Não me sentia tão bem desde aquela vez que... Oh! eu ia dizer uma parvoíce...

Teresa – Penso que temos abusado um pouco deste maravilhoso elixir.

Irmã Inês – Cuidado, tem 38 graus.

Irmã Prudência – Penso que a melhor coisa que podíamos fazer era ir para a cama.

Irmã Inês – Antes das Vésperas, Irmã?

Madre Superiora – Não pensaria em ir dançar, imagino?

Irmã Prudência – Aprenda que aqui se dorme com as galinhas.

Irmã Inês – Com as galinhas?

Antônio – Agora que o mencionou, quem apareceu primeiro, a galinha ou o ovo?

Teresa – Hum! Não percebo nada!

Irmã Inês – E quanto à degustação, o que decidimos?

Madre Superiora – Bem, eu não sei muito bem. Já não tenho ideias muito claras.

Irmã Inês – Talvez pudesse-mos votar?

Irmã Prudência – Parece-me a coisa mais razoável a fazer, mas devemos tomar um tempo de reflexão.

Teresa – Vamos dormir sobre o assunto.

Madre Superiora – Tens razão, filha. Vamos deixá-lo por agora, amanhã veremos muito mais claro.

Bernardo – Gostaria que eu o acompanhasse, Talissa?

Teresa – Talissa? Eu chamo-me Teresa.

Bernardo e Teresa estão a rir-se como idiotas. Todos se dirigem para a saída com um andar instável, um pouco desajeitado e tropeçante.

Irmã Prudência – Madre, cuidado com o degrau!

Madre Superiora – Que degrau?

Teresa – Tanto quanto sei, não havia nenhum.

Madre Superiora – Onde estamos! Talvez seja outra visão!

Todos abandonam o palco e a luz apaga-se.

ACTO 2

A luz acende-se simbolizando um novo dia. Teresa chega à loja acompanhada de João Bernardo e, uma vez dentro, vira-se para olhar para a entrada e verificar não havia degrau nenhum.

Teresa – Ah, não, não há degrau nenhum.

Bernardo – É engraçado... A esta hora, a Irmã Prudência já cá devia estar.

Teresa – Tanto quanto podemos ver, as nossas queridas irmãs têm tido problemas com o despertador. Ainda não ouvi o sino tocar.

Bernardo – Para lhe dizer a verdade, você também dormiu muito bem.

Teresa – Mas... Como é que sabe isso, Bernardo?

Bernardo – Lembresse que a acompanhei a sua casa ontem à noite...

Teresa – Ah, sim, talvez... É que como havia um nevoeiro tão estranho... Havia nevoeiro mesmo dentro de casa! Então, acompanhou-me? E o que aconteceu a seguir?

Bernardo – Bem, você parecia tão cansada para subir as escadas, que fui até ao seu quarto.

Teresa – Não me diga que...?

Bernardo – Eu sou um cavalheiro, Teresa. E acredite em mim, pois na noite passada. Até podíamos falar de heroísmo, porque não me queria deixar ir embora. Lembra-se?

Teresa – Pois não...

Bernardo – A senhora parecia um pouco exaltada e eu não queria abusar da situação, mas... Deixa-me pelo menos uma porta aberta à esperança?

Teresa – Oh, meu Deus!

A Irmã Prudência chega com um hábito confuso e um olhar de culpada no seu rosto.

Irmã Prudência – Desculpem, mas é a primeira vez que acontece. Não ouvi os sinos.

Teresa – Acho que todos nós nos entusiasmámos um pouco demais ontem à noite, não acha?

Bernardo – Sim, é engraçado. Sinto que tenho uma ressaca...

A Irmã Inês também aparece num estado de desordem com uma caixa cheia de garrafas.

Irmã Inês – Passei a noite toda a fazer mais um pouco do novo elixir, teremos certamente sucesso! Vamos disparar as vendas!

Irmã Prudência – Recordo-lhe, Irmã, que a Madre Superiora ainda não deu a autorização para iniciar a produção.

A Madre Superiora entra em cena.

Madre Superiora – Bom dia, filhos. Desculpem-me, mas esta manhã não despertei para tocar os sinos.

Irmã Inês – Em qualquer caso, é inegável que uma das virtudes da nova fórmula do elixir, é que ajuda a dormir.

Madre Superiora – Bem, é verdade, eu dormi como uma mulher abençoada ontem à noite. De qualquer modo, estes efeitos secundários parecem um pouco incontrolláveis.

Irmã Inês – O melhor é que a dose não tenha sido bem calculada...

Irmã Prudência – O que pensa, Madre?

Madre Superiora – Não sei muito bem...

Irmã Prudência – Bem, terá de ser tomada uma decisão.

Madre Superiora – Teresa, qual é a sua opinião?

Teresa – Não há como negar que este novo elixir tem propriedades narcóticas... Mas também tem um grande poder calmante e um importante efeito de desinibição. Isto poderia transformar-se num cocktail explosivo.

Irmã Prudência – E se foi o próprio diabo que colocou aquela erva o nosso caminho?

Madre Superiora – O que quer dizer? Como a cobra no Jardim de Eden? Tentadora e seduzindo Eva com o fruto proibido?

Irmã Prudência – Continuo a dizer que encontro nele um certo sabor a maçã...

Há um silêncio e um momento de reflexão.

Madre Superiora – Tem razão, Irmã Prudência. Irmãs, é melhor ser mau e conhecido que bom por conhecer. É melhor esquecer esta perigosa reforma e limitar-nos à fórmula tradicional do nosso elixir.

Irmã Inês (*escondendo a sua desilusão*) – Muito bem, Madre...

A Madre Superiora olha para a caixa trazida pela Irmã Inês.

Madre Superiora – Espere, o que é isso?

A Irmã Inês – Tinha preparado algumas garrafas, só para o caso de... Mas vou destruí-los, não se preocupe, prometo-vos.

Madre Superiora – Bem, isso está resolvido.

A Madre Superiora prepara-se para partir enquanto a Irmã Inês continua a falar.

Irmã Inês – Mesmo assim... É uma verdadeira pena não lhe dar uma única oportunidade...

Madre Superiora – Desculpe-me, irmã, estava a dizer?

Irmã Inês – Afinal, ele é apenas um restaurador monástico. Não estávamos a falar de cocaína ou algo do género!

Madre Superiora – Não está a questionar a minha decisão?

Irmã Inês – Só estou a dizer que a recusa em inovar e reformar é uma grande fraqueza.

Madre Superiora – Minha querida filha, aprenda que é uma característica própria da Igreja, o ser incapaz de se reformar, quero dizer.

Bernardo – Esta aversão à reforma leva-nos por vezes a cometer alguns excessos, mas também temos de reconhecer que nos permitiu manter as nossas amadas tradições até aos dias de hoje.

Teresa – Tradições que são a inveja de todo o mundo.

O telefone toca e a Irmã Inês exclama muito emotiva.

Irmã Inês – Ah, mas tem um telefone?

Irmã Prudência – Claro que sim.

A Irmã Prudência atende o telefone.

Irmã Prudência – Santa Maria-Joana, diga-me? Não, eu digo Santa Maria-Joana porque está a ligar para o convento que tem este nome, mas eu não sou nem um santa nem me chamo Maria-Joana. A tesoureira? Sim, esse sou eu. Não me diga... Sim, é de facto, lamentável. Compreendo... Deve ser um mal-entendido, vamos resolvê-lo de imediato. Obrigado por ligar... Sim, sim, prometo. Deus abençoe a sua entidade.

Madre Superiora – Há algum problema, Irmã Prudência?

Irmã Prudência – Era do banco... Um dos nossos cheques foi rejeitado.

Madre Superiora – Bem... Teremos de fazer um depósito na conta.

Irmã Prudência – Mas, Madre, com que dinheiro?

Madre Superiora – Não podemos pedir um pequeno empréstimo?

Irmã Prudência – Você sabe que isto é totalmente contrário aos princípios de a nossa ordem, madre. Além disso... Já temos dois... E receio que o banco não estará disposto a conceder-nos o terceiro.

Irmã Inês – Vê como é urgente que endireitemos as contas.

Irmã Prudência – Infelizmente, tem razão a esse respeito.

António e Victorina chegam muito mais em forma do que ontem à noite.

Antônio – Bom dia!

Victorina – Bom dia! Como estão todos? Ótimos?

Teresa – Vê-se que vocês estão, não precisam de perguntar... É óbvio...

Antônio – Sim, estamos em grande forma, não estamos, Victorina?

Victorina – Não me sentia tão bem há anos. E sabem que mais?

Irmã Prudência – O quê?

Victorina – Tenho a impressão de que o vosso elixir milagroso tem algo a ver com isso!

Antônio – Claro que sim. No que me diz respeito... estou absolutamente convencido!

Victorina – Hoje dormi como uma santa e já nada dói. Bem, quase nada...

Antônio – E penso que também é bom para a moral. Estamos mais contentes do que umas castanholas! Não é verdade, Victorina?

Victorina – De qualquer forma, vamos comprar-lhes mais algumas garrafas.

Teresa – Ah, bem...

Teresa retira duas garrafas da prateleira.

Victorina – Oh não! Não é desse tipo! O novo tipo!

Irmã Prudência (*com um tom muito comercial*) – O que se passa é... Olha, dê duas garrafas do nosso licor habitual pelo preço de uma!

Victorina – Nem pensar! Nós preferimos a nova fórmula.

Irmã Inês – Está a ver com os seus próprios olhos, Madre. Parece-me que valeria a pena.

A Madre Superiora parece estar hesitante, mas finalmente decide.

Madre Superiora – Bem, dê-lhes uma garrafa do novo elixir... uma vez que tem destilado alguns, seria uma vergonha desperdiçá-los.

Antônio – Só um? Não podiam ser dois?

Irmã Inês – Até novo aviso, será apenas uma garrafa para cada duas pessoas.

Victorina – Isto faz-me lembrar os livros de racionamento durante a guerra...

Antônio – Conheceu os cartões de racionamento?

Victorina – Claro que não! Sou demasiado jovem para isso. A minha mãe é que costumava dizer-me.

Irmã Inês – Por enquanto, o preço é o mesmo que a fórmula antiga, mas já vos aviso que provavelmente haverá um pequeno aumento.

Antônio – O preço não importa desde que mantenha o seu novo efeito. Bem, agora vamos levar esta garrafa e quando tiver mais, vai pôr-nos de lado uma caixa.

Victorina – Obrigado a todos e... Feliz Natal!

Teresa – Igualmente. E, acima de tudo, tomem-no com moderação.

Antônio e Victorina saem a rir como dois rapazes da escola. Madre Superiora vira-se para a Irmã Inês, que tem um grande sorriso de satisfação.

Madre Superiora – Para que conste, isto é apenas um teste...

Irmã Inês (*recuperando a seriedade*) – Sim, claro, Madre...

A Madre Superiora deixa o local.

Irmã Inês – Eu, só por precaução, vou fazer mais algumas garrafas para não estarmos esgotados caso este teste se torne um sucesso.

Irmã Prudência – Não vá tão depressa. Por enquanto, temos apenas dois clientes.

A Irmã Inês coloca as garrafas da caixa numa prateleira.

Teresa – Irmã Inês?

Irmã Inês – Sim? Diga?

Teresa – Sei que a receita deste novo licor tem de permanecer em segredo, mas diga-me pelo menos que não estamos a fazer nada de ilegal.

Irmã Inês – Como ilegal?

Teresa – Como o absinto em outros tempos, por exemplo...

Irmã Inês – Estou mais preocupada com a possibilidade de encontrar plantas suficientes para poder continuar a produção.

Bernardo – Talvez devesse considerar começar a cultivá-las você mesmo.

A Sam entra e parece hesitante. Todos ficam surpreendidos ao ver alguém tão jovem ali.

Sam – Olá?

Teresa – Bem-vinda, filha, estás em casa.

Sam – Obrigado, obrigado...

Sam está a olhar para as prateleiras e todos se aproximam dele.

Teresa – Posso ajudá-la? Precisa de alguma coisa?

Bernardo – Deixa-a em paz, Teresa, tenho a certeza que ela está à procura de respostas. Na sua idade é a altura de fazer perguntas sobre o sentido da vida, do amor ou da sexualidade.

Teresa – Se quiser, podemos aconselhá-la sobre um livro ou dois.

Sam – Não se preocupe, não é disso que se trata... Na verdade... É a minha avó que...

Irmã Prudência – A sua avó?

Sam – Sim, Victorina...

Teresa – Oh, sim! És a neta da Victorina! Não a reconhecemos.

Sam – Viu-me à saída e ela falou-me de um xarope que vende aqui.

Bernardo – Ah, sim? O que é que ela disse?

Sam – Bem, na verdade, ela falou-me de algum tipo de poção. Ela descreveu-me os efeitos e...

Irmã Inês – Já se aperceberam? A palavra de boca em boca já funciona!

Irmã Prudência – Mas não pode ser. A tua avó acabou de sair e já levou uma garrafa, não podemos dar-lhe outra.

Sam – Sim, sim, mas não é para ela... É para mim. É que eu tenho de preparar alguns exames, e tenho um pouco de frio... De qualquer forma.

Teresa – Uma constipação? Queres dizer?

Sam – Isso, eu tusso um pouco, não sei onde a arranjei...

O Sam está a tossir um pouco falso.

Sam – E como parece que o vosso licor é bom para tudo...

Irmã Prudência – Ah, não! Mas tem álcool, não se pode beber.

A Irmã Inês retira uma garrafa da caixa.

Irmã Inês – Não se preocupe, já estava a contar com isso e preparei uma versão sem álcool para os mais novos.

Irmã Prudência – Bem, parece que estás metida em tudo, Irmã Inês.

Sam – Obrigada, irmã, acabou de salvar a minha vida.

Irmã Inês – Bem, aqui está a sua garrafa, aproveita-a.

Sam pega na garrafa e dá à Irmã Inês uma nota de 10 €.

Sam – Obrigada, irmã. Tenho a certeza de que será útil.

Irmã Inês – És sempre bem-vinda, filha, nós estaremos aqui.

Sam – Na verdade, já me sinto muito melhor, deve ser a atmosfera. Bem, obrigado por tudo e até à próxima vez.

Teresa – Isso, isso, até à próxima vez. Dá cumprimentos à tua avó.

Sam deixa o local.

Bernardo – Pode não estar cientificamente provado, mas se este licor puder atrair novas gerações na fé...

Teresa – Isto é outro dos milagres de Santa Maria-Joana.

Um polícia à paisana entra em cena e anda por aí a olhar para as prateleiras.

Irmã Prudência – Oops! Parece que isto está a começar a animar.

Polícia – Estas velas são bonitas. Poderiam ser um belo presente de Natal.

Irmã Prudência – Estas são velas com a imagem da nossa fundadora, Santa Maria-Joana.

Polícia – Santa Maria-Joana? Veja lá...

Teresa – Posso ajudá-lo em alguma coisa?

O polícia retira o seu distintivo e mostra-lho.

Polícia – Comissário Ramirez. Bom dia, irmãs.

Irmã Prudência – Todos são bem-vindos à casa do Senhor, mesmo polícias.

Bernardo – Imagino que na esquadra terá uma grande necessidade de manter a fé, especialmente nestes tempos difíceis.

Irmã Prudência – Estamos aqui para o ouvir, Comissário, para nos dizer.

Polícia – Bem, mais do que dizer-vos, irmãs, vim para ser informado por vós.

Teresa – Peço perdão?

Polícia – Suspeitamos que existe uma plantação de marijuana em redor do convento.

Irmã Prudência – De marijuana?!

Bernardo – Sim, é a isso que eles chamam de haxixe, irmã.

Irmã Prudência – Oh, Deus no céu!

Polícia – Não é uma planta nativa, vem do estrangeiro, vocês sabem, cada um se abastece da sua própria plantação. E, se isto começar a acontecer aqui, teremos de fumigar cada centímetro desta terra.

Bernardo – Primeiro temos de saber onde fica a plantação, digo eu. Porque esses jardineiros amadores, suponho que se esforçarão por ser discretos.

Polícia – Bem, essa é precisamente a razão da minha visita. Como as irmãs conhecem muito bem a montanha, pensamos que nos podem ajudar.

Irmã Prudência – Dar-lhes uma ajuda?

Polícia – Sim, talvez tenha visto alguma planta invulgar nas proximidades.

Irmã Prudência – Está a falar de drogas?! Nem sequer sabemos como é que isso se parece mesmo!

O polícia mostra à Irmã Prudência uma foto da planta, que ela não sabe o que é.

Polícia – Veja, aqui está uma fotografia da alegada planta. Não preciso de vos dizer que não é uma planta que cresce naturalmente nesta região.

Irmã Prudência – Se alguém o pode ajudar nisto, é a Irmã Inês, ela passa muito tempo nas montanhas a recolher ervas para os nossos licores reconstituíntes.

O polícia mostra a fotografia à Irmã Inês, cuja expressão está paralisada.

Polícia – Então, irmã... reconhece-a? Dê uma boa vista de olhos e leve o seu tempo. Recordo-vos que se trata de uma planta proibida.

A Irmã Inês fica sem palavras e a Madre Superiora entra rapidamente.

Polícia – Você está bem, irmã?

Irmã Prudência – Sim, sim, ela está bem. É que...

Madre Superiora – Ela fez um voto de silêncio!

Irmã Prudência – Exactamente o que eu ia dizer, Madre!

Polícia – Estou a ver, estou a ver... Deixo-vos a fotografia na mesma, caso reconsiderem o vosso voto.

A Madre Superiora tira a fotografia.

Madre Superiora – Eu sou a Madre Superiora deste convento, Comissário. Vamos pedir à Irmã Inês para responder à sua pergunta por escrito.

Polícia – Muito bem, madre. E se, por acaso, tivesse informações que poderiam ser de interesse, seríamos informados, não é verdade?

Madre Superiora – Claro que sim, claro.

O polícia olha para a caixa e pega numa garrafa do novo licor.

Polícia – De que é feito este licor, irmãs?

Irmã Prudência – Com diferentes plantas medicinais da região, Comissário. A receita é um segredo guardado durante séculos pelas irmãs encarregadas de destilar este grande reconstituínte.

Teresa – Além disso, esta é a razão pela qual a Irmã Inês fez um voto de silêncio. Hoje é o única que conhece a fórmula do elixir de São Maria-Joana.

Polícia – Estou a ver, estou a ver... Agora compreendo muitas coisas... Bem, olhe, vou levar uma garrafa. Afinal, se é tão medicinal, não pode fazer mal a ninguém, certo?

A Madre Superiora retira rapidamente o frasco das suas mãos.

Madre Superiora – Lamento, mas estas já estão reservadas.

Polícia – Todas elas?

Irmã Inês – Está quase a chegar o Natal!

Madre Superiora – Shhhht! Irmã Inês! Os votos! (*Ao Comissário*) Desculpe-me, Comissário, por vezes é difícil conter-se. Acabou de chegar ao convento e ainda não está acostumada aos seus votos. Como estava a dizer a Irmã Inês, que o Natal está a chegar e os nossos fiéis apreciam muito os nossos produtos.

Teresa – Sim, Comissário, pegue antes numa vela.

Teresa dá uma vela ao polícia, que responde de surpreendido.

Polícia – Bem... Então, quanto é que lhe devo?

Teresa – Nada, Comissário, um presente da casa.

Madre Superiora – Deus abençoe a polícia!

Polícia – Obrigado, Madre. E desculpem-me por interromper por um momento a serenidade deste convento. É um lugar verdadeiramente pacífico. A verdade é que eu invejo-os.

Madre Superiora – A sério?

Polícia – Totalmente. Sabe, vemos tanta coisa lá no trabalho... Eu não me importaria de terminar os meus dias num mosteiro longe de toda a violência, rodeado de rostos bondosos e honestos.

Irmã Prudência – Que bom ouvi-lo dizer isso. Feliz Natal, Comissário!

Polícia – Igualmente. Até breve, irmã.

O polícia deixa o local e há um silêncio embaraçoso.

Madre Superiora – Irmã Inês, não me digas que puseste marijuana no elixir de Santa Maria-Joana?

Irmã Inês – Juro perante Deus, Madre, não sabia que se tratava de uma droga.

Irmã Prudência – Meu Deus! Até mentimos à polícia. Pecámos!

Irmã Inês – Por omissão, Irmã, apenas por omissão.

Teresa – Agora compreendo estes novos efeitos. Ontem, eu própria tive a sensação a ser possuída pelo próprio diabo.

Bernardo – Possuída pelo diabo? Ela não o dirá por mim, espero eu.

Irmã Inês – Então, o que é que fazemos?

Madre Superiora – O que quer dizer? Paramos tudo agora mesmo, evidentemente.

Bernardo – Não me parece que Jesus tenha dito «bebam e fumem, todos»...

Irmã Inês – Correcto, mas o que ele disse foi «tomai e bebei», por isso...

Madre Superiora – Não blasfememos, destruamos este diabólico elixir no fogo.

Irmã Inês – Claro, Madre, claro.

Irmã Prudência – Não vamos transformar isto num laboratório clandestino.

Irmã Inês – Por outro lado...

Madre Superiora – O quê? O que se passa agora?

Irmã Inês – Pois... Não poderíamos considerar isto um sinal de Deus?

Madre Superiora – Não me diga que voltou a ver Nossa Senhora para terminar este licor, irmã?

Irmã Prudência – Um sinal, dizes tu?

Irmã Inês – Santa Maria-Joana... Marijuana... Reconhecer que a coincidência é, pelo menos, para duvidar.

Madre Superiora – O que quer dizer com isso, Irmã Inês?

Irmã Inês – Como o convento está economicamente no vermelho...

Madre Superiora – Mas é droga, irmã!

Irmã Inês – Mas é uma droga suave, Madre. Além disso... Marx não disse a religião é o ópio do povo?

Madre Superiora – Jesus, irmã, não creio que, dito por ele, isso seja um cumprimento.

Irmã Prudência – Saiba também que na casa de Deus, citamos mais a Bíblia do que O Capital.

Irmã Inês – Irmãs, penso que St. Maria-Joana quis vir na nossa ajuda.

Irmã Prudência – Combater a droga cultivando marijuana em casa... Chegamos ao cume dos disparates! Madre diga alguma coisa!

Madre Superiora – Confesso que já não sei o que pensar. Desde que fui bebendo aquela maldita mistura, já não tenho uma ideia clara.

Irmã Prudência (*santificando-se*) – Jesus, Maria e José!

Madre Superiora – Teresa, você é uma boa conselheira, o que acha?

Teresa – No ponto a que chegámos, penso que é inútil agir de uma forma apressada. Vamos, pelo menos, demorar algum tempo a reflectir e esperar até os efeitos do licor desaparecem.

Madre Superiora – Parto agora mesmo para rezar ao Senhor na esperança de que Ele se digne a limpar um pouco a minha cabeça.

A Madre Superiora deixa a cena e António e Victorina aparecem vestidos muito mais jovens, mesmo com um estilo hippie.

António – Temos uma grande notícia para si.

Bernardo – Acertou no totoloto?

Antonio – Muito melhor do que isso! Vamos casar!

Teresa – Mas isso é maravilhoso!

Victorina – Bem, sim. Não sei o que se passa connosco, mas há já algumas horas que tenho a sensação de ter começado uma nova vida.

Antonio – Penso que é o efeito do vosso elixir milagroso. Além disso, se ainda se enquadrar, pensámos em levar duas ou três caixas.

Irmã Prudência – Duas ou três caixas?

Victorina – Sim, nós demos aos nossos amigos para experimentar e foi um loucura.

Antonio – Na aldeia, até o baptizaram como o licor do riso!

Irmã Inês – Não...! O licor do riso?

A Irmã Inês ri-se em voz alta, mas é interrompida pelo facto de todos a estarem a observar.

Bernardo – Não se preocupe com ela, já provou mais licor do que o habitual.

Irmã Inês – Bem, lamento, mas nós parámos a produção. Aparentemente, o novo elixir não apresenta todas as garantias sanitárias exigidas por lei.

Teresa – Irmã Inês... O voto de silêncio... Temos de ser prudentes, pode haver efeitos secundários prejudiciais a longo prazo.

Antonio – Sabe quanto tempo temos de esperar sem este elixir? Isso sim é que é mau...

Victorina – Oh não... Os nossos amigos vão ficar muito desapontados...

Antonio – Sim, mas muito mesmo... Já nos tínhamos decidido a tomar uma pequena bebida todos juntos para celebrar o Ano Novo.

Victorina – Porquê negar este modesto conforto a alguns idosos no final do seu vidas?

Antonio – A alguns velhos pobres que não sabem se vão conseguir chegar ao próximo Ano Novo...

Todos os olhos se voltam para a Irmã Prudência.

Irmã Prudência – Bem, dê-lhes uma garrafa para que possam terminar o acto... Para que conste, esta é a última uh... E nem uma palavra à Madre Superiora!

A Irmã Inês dá-lhes uma garrafa. Antonio e Victorina estão encantadas.

Victorina – Obrigado, irmã.

Antonio – Que Deus vos recompense.

Irmã Inês – Entretanto...

A Irmã Inês gesticula os seus dedos para os fazer pagar. Antonio dá-lhe outra nota de 20 €.

Irmã Inês – Ui, mas isto é demais.

Antonio – É para as vossas boas obras, irmãs.

Victorina – Feliz Natal para todos vós!

Anatole e Victorina deixam a cena e há outro silêncio embaraçoso.

Teresa – De qualquer forma, ainda temos uma pergunta no ar...

Bernardo – Qual delas, Teresa?

Teresa – Esse campo teve de ser plantado por alguém, certo?

Irmã Prudência – Sim, foi precisamente isso que o polícia disse.

Teresa – Alguém que não vai ficar propriamente entusiasmado por descobrir que temos lhe feito a colheita.

Irmã Inês – Por outro lado... Ainda é droga.

Bernardo – E depois?

Irmã Inês – Roubar droga de traficantes... No fundo... É uma boa acção!

Teresa – Não quando se rouba com a intenção de revender, irmã.

Irmã Inês – Mas revendemo-la por conta de Deus!

Bernardo – Então... Seríamos como Robin dos Bosques, que roubado aos ricos para dar aos pobres.

Entra o traficante ligeiramente irritado.

Teresa – Oh, meu Deus! E os clientes continuam a entrar!

Irmã Inês (ao traficante) – Há alguma coisa que possamos fazer por si?

O traficante mostra às irmãs um monte de marijuana.

Traficante – Na vossa opinião, irmãs, isto o que são ? Ervas provençais?

Irmã Prudência – Oh, você também é polícia? O seu parceiro acabou de sair.

Traficante – Não sou polícia, não sou...

Irmã Inês – Então o que está a fazer com isso? Não sabe que é proibido?

Traficante – Acontece que eu cultivo esta bela coisa e não gosto de intrusos...

Teresa – Ah... Eu compreendo...

Traficante – Vejo que sabe do que estou a falar...

Irmã Prudência – Mas o que a faz pensar isso?

Traficante – Bem, porque encontrei este molho de erva mesmo em frente à capela.

Irmã Prudência – Mas e daí! Você não tem o direito! Este convento é um lugar sagrado!

Traficante – Sacro? Estão a destilar marijuana roubada de cultivadores honestos e vem dar-me uma lição de moralidade?

Teresa – Isto é apenas um pequeno mal-entendido.

Irmã Prudência – A Irmã Inês confundiu esta erva daninha com o dente-de-leão.

Traficante – Com dente-de-leão... Claro... Mas vocês julgam que eu acredito?!

Bernardo – Por favor, acalme-se. Não fizemos nada de errado, asseguro-lhe que não queremos problemas. Tenho a certeza que as pessoas podem entender-se falando.

Irmã Inês – Além disso, não sabíamos que este campo tinha um proprietário.

Irmã Prudência – Isto não impede a polícia de tentar localizar esta plantação clandestina. Eles acabarão por encontrá-la.

Traficante – E eles disseram-lhe onde ela está?

Irmã Prudência – Ainda não...

O traficante fica um pouco calado.

Traficante – Bem, talvez ainda haja uma maneira de o consertar. Afinal de contas, Partilhamos o mesmo objectivo.

Irmã Prudência – O mesmo objectivo?

Traficante – É claro que também tentamos espalhar a felicidade aos nossos por aí.

Teresa – Então... o que propõe?

Traficante – Um jardim partilhado, talvez?

Bernardo – Acho que quando diz jardim partilhado... Não estás a pensar precisamente numa cultura de ervas aromáticas?

Traficante – Vocês fazem um voto de silêncio, nós cuidamos do cultivo e deixámos uma parte da colheita.

Irmã Inês – Mas... De quanto estamos a falar?

Traficante – Dez por cento.

Irmã Inês – Bem, parece razoável... Como os dizimos... É o deveriam pagar os camponeses à Igreja na Idade Média para financiar boas obras.

Irmã Prudência – Sim, mas o povo da Idade Média não cultivava marijuana.

Traficante – Irmã, considere-o um produto 100% ecológico.

Irmã Prudência (*a santificar-se*) – Oh meu Deus!

Traficante – Obviamente, se nos pudessem encontrar um lugar mais discreto...

Teresa – Para quê?

Traficante – Bem, para cultivar o nosso pequeno jardim de delícias, é claro.

Irmã Inês – Será que o claustro lhe serviria, por exemplo?

Traficante – Desde que não seja muito sombrio... Estas plantas precisam muita luz do sol.

Irmã Prudência (*apreensiva*) – Temos de pensar no assunto. deve compreender que um uma decisão dessa magnitude tem de ser considerada.

Traficante – Em qualquer caso, nem sequer pense em chamar a polícia.

Irmã Inês – Tranquelize-se, estamos protegidos pelo segredo da confissão.

Traficante – Ainda tenho uma pergunta para lhe fazer...

Irmã Prudência – Diga...

Traficante – Que diabo estão vocês a fazer com toda aquela erva?

Irmã Inês – Licor. Fazemos licor.

O traficante pega numa garrafa e lê.

Traficante – «Elixir de Santa Maria-Joana». Bem... Ok! Encontraram a cobertura perfeita. Vocês sabem que isto pode funcionar, e é óptimo para exportação?

Irmã Inês – Ouçam, não é parvoíce. Não só o nosso convento poderia ter fama com este elixir, mas também podemos ajudar a equilibrar a contas de todo o país.

Irmã Prudência – Irmã Inês, sabemos que acabou de terminar os estudos de comércio, mas o nosso convento não é um centro de empreendedorismo ou qualquer outra coisa desse estilo.

Teresa – Lembro-vos apenas que o cultivo, venda e consumo de marijuana são estritamente proibidos por lei.

Bernardo – Por agora, Teresa, por agora...

Antonio e Victorina voltam a entrar e o traficante sai.

Traficante – Bem, eu deixo-vos por agora. Continuem e pensem na minha proposta.

Irmã Prudência – Nem uma palavra para a Madre Superiora, se ela descobre que vai ter um ataque cardíaco. Ou à polícia, claro. Vamos resolver isto à nossa maneira.

Bernardo – Você assusta-me, Irmã Prudência. Espero que não esteja a pensar em recorrer à violência...

Irmã Prudência – Não, se puder ser evitada, asseguro-vos. Entretanto, vou para o banco para tratar do pequeno problema com o cheque.

Irmã Inês – Eu acompanho-a, irmã. Na universidade também me ensinaram para pôr os banqueiros nas minhas costas.

A Irmã Prudência e a Irmã Inês deixam o local.

Antonio – Teresa, este licor é verdadeiramente espantoso.

Teresa – Ainda não bebeu tudo, pois não?

Antonio – Não, mas os nossos vizinhos estão totalmente viciados.

Victorina – É como uma verdadeira droga, digo-vos eu. Agora vínhamos para ver como foi a produção.

Antonio – Sim, já tivemos algumas encomendas.

Victorina – Mas não se preocupe, estamos a vendê-la sem lucro, não somos revendedores.

Antonio – É bastante simples, eles já não podem viver sem ele e a maioria desistiu a sua medicação habitual.

Bernardo – Bem, se isto continuar, não vamos apenas reabastecer o convento, mas também vamos limpar os cofres da Segurança Social.

Teresa – Tome, uma última garrafa e vá agora, por favor.

Antonio entrega a Teresa uma nota de 20 euros e leva a garrafa.

Antonio – Obrigado, irmã.

Teresa – Antonio, eu sou Teresa.

Antonio – Ah... Bem, obrigada, Irmã Teresa.

Antonio e Victorina deixam o local.

Teresa – Afinal de contas, acho que também merecemos uma bebida... Nem que seja para celebrar.

Teresa serve dois pequenos copos de elixir.

Bernardo – Mas não demasiado, eh... Temos de ir devagar se quisermos evitar o overdose...

Teresa – Não se preocupe, é uma droga muito suave. Caso contrário, não estaria à venda em convento.

Bernardo – Tens razão, Teresa. Deus não o permitiria.

Teresa e Bernardo bebem o copo de uma vez.

Teresa – É claro que temos de admitir que faz bem onde quer que passe.

Bernardo – Sim, na verdade.

Teresa – Esta coisa fica entre nós, ok...

Bernardo – É claro, é claro...

Teresa – Outra bebida?

Bernardo – Está bem. Não há mal nenhum em fazer o bem.

Tomam outro chupito de um só trago.

Teresa – Isto faz-me lembrar a lei seca...

Bernardo – Já alguma vez ouviste falar da lei seca?

Teresa – Estava a brincar, meu...

Bernardo – Claro, claro... Isso foi muito antes dos livros de racionamento! Pensava que era muito mais jovem do que a Victorina.

Ambos estão a rir.

Bernardo – E se tu e eu nos casássemos?

Teresa – Estás a falar a sério ou são os efeitos da droga?

Bernardo – Tu és a minha droga, Teresa.

Bernardo tenta beijá-la e Teresa resiste fracamente.

Teresa – Vá lá, Bernardo, isso é uma loucura!

Sam aparece novamente e surpreende o casal. Teresa reposiciona-se a si própria.

Teresa – Desculpa-nos, estávamos apenas a limpar o pó.

Bernardo – Bom dia, bom dia. As coisas estão melhores?

Sam – Muito melhor, garanto-vos. Parece que a minha constipação se foi. Um verdadeiro milagre! E sem dúvida, graças ao elixir, seria possível obter outra garrafa? Ou duas... Como não é alcoólico... É para os meus amigos de classe...

Teresa – Para os seus amigos?

Bernardo – Eles também estão doentes?

Sam – Vocês sabem.. As doenças propagam-se rapidamente. Acho que passei a minha constipação a toda a escola.

A Irmã Prudência regressa ao local.

Irmã Prudência – Está tudo bem?

Bernardo – Sim, sim, está tudo bem.

Teresa dá a Sam uma garrafa de forma muito discreta.

Teresa – Pegue nisto e vá, corra.

Sam – Deus te abençoe, irmã.

Teresa – Eu não sou freira, jovem e duvido que alguma vez venha a sê-lo.

Bernardo – Ei,ei, mas são 20 euros.

Sam – 20 euros?

Teresa – O que queres? Tudo sobe. É a lei da oferta e da procura.

Bernardo – Vá lá, agora, sai daqui.

Sam dá a Bernardo uma nota e deixa o local do crime.

Teresa – Como correu no banco, irmã?

Irmã Prudência – A Irmã Inês obteve um adiamento da dívida explicando a nossa situação.

Teresa – Bem, com as vendas de hoje penso que podemos resolvê-lo.

Irmã Prudência – Sim, Teresa, graças a Deus...

Bernardo – E a Santa Maria-Joana!

O traficante entra outra vez.

Traficante – Irmãs, acabei de encontrar o meu contacto no instituto e ele disse que não quer comprar mais erva de mim.

Bernardo – Para os jovens deixar de usar drogas é um motivo de alegria.

Traficante – Sim, mas o que eles querem agora é o vosso elixir.

Teresa – Oh, certo...

Traficante – Se perdermos as escolas, podemos fechar o bar.

Bernardo – Eu compreendo, eu compreendo...

Traficante – E isso sem contar com os velhos da cidade.

Teresa – Não me diga que também está a tirar partido de homenzinhos velhos...

Traficante – Em que estão vocês e a pensar? Os homens velhos de hoje não são os homens velhos... Estes são já a geração de Maio de 68.

Bernardo – Bem, devo confessar que um pequeno empurrão de vez em quando não é mal. Em geral, o nosso elixir não é muito mais viciante do que os antidepressivos.

Traficante – Bem, sim... E, desde esta manhã, parece que deixaram de fumar para se dedicar a um certo elixir monástico.

Teresa – Pedimos desculpa, a sério. Mas não se preocupe, vamos definitivamente parar produção.

Traficante – Bem... E se em vez disso formos parceiros?

Irmã Prudência – Está a propor uma sociedade de malfeitores?

Traficante – Não é nada de mais, irmã.

Bernardo – De que tipo de associação estamos, então, a falar?

Traficante – Bem, não só o cultivo, mas também o processamento do produto.

Teresa – A transformação?

Traficante – Hoje em dia, tudo o que se fuma não é bem visto... As campanhas anti-tabagismo causaram muitos danos... Penso que se formos parceiros poderemos desenvolver uma nova linha de produtos que sejam seguros para os pulmões e agradáveis para o paladar. Tudo sob a protecção suprema de Santa Maria-Joana, é claro.

Bernardo – Isso não soa mal...

Traficante – Imagine legalizar a marijuana. Asseguro-vos que o convento receberiam mais royalties do que o próprio Vaticano. Isto só seria comparável com a multiplicação dos pães e dos peixes. Irmãs, acabei de recuperar a minha fé! Deixem-me enforcar se não forem beatificados!

Irmã Prudência – Oh meu Deus!

Traficante – Qual é o seu primeiro nome, irmã?

Irmã Prudência – Prudência.

Traficante – E como se sentiria se fosse chamado de Santa Prudência?

O polícia volta a entrar e o traficante esconde-se no outro extremo da loja.

Polícia – Desculpem-me novamente, irmãs, a Madre Superiora está por perto?

Teresa – Para que precisa dela, Comissário?

Polícia – Os nossos cães levaram-nos para a plantação de marijuana.

Teresa – A sério?

Polícia – O campo foi colhido, mas conseguimos identificar as raízes. Agora só temos de encontrar o revendedor e as suas plantas.

Bernardo – Não está a acusar as freiras de tráfico de droga?

Polícia – Não, claro. No entanto, veja as fotografias tiradas pela vigilância que tínhamos instalado sob disfarce. Aparentemente, esses traficantes disfarçam-se de freiras para não serem reconhecidos. No entanto, conseguimos estabelecer uma foto do acima referido.

O polícia mostra-lhes o composto.

Polícia – Este rosto significa alguma coisa para si?

Teresa – Oh, meu Deus! palavra que não...

Polícia – Bem, avise as irmãs que há um limite para a nossa paciência. Eu posso levar todos para a esquadra para interrogatório. E as freiras como traficantes não seriam boa publicidade nem para a cidade nem lá para cima.

A Madre Superiora está a chegar.

Madre Superiora – Não temos medo das suas leis, Comissário. Durante a guerra, este convento tem escondido muitos refugiados políticos.

Polícia – Senhora, estamos à procura de um traficante que cultivava marijuana na montanha. Não creio que isso seja um refugiado político.

Madre Superiora – Saia daqui imediatamente! Este é um lugar sagrado e asilo.

Polícia – Eu volto, madre. Assim que receber a ordem do juiz, estarei de volta.

O polícia está de partida.

Traficante – Obrigado por me cobrir, madre.

Madre Superiora – Isto não significa que dêmos a nossa aprovação.

Traficante – Entre nós, a senhora faz o mesmo que eu.

Madre Superiora – Sim, mas a nossa é por uma boa causa. Deus irá julgar-nos.

A Madre Superiora oferece ao traficante o hábito de freira.

Madre Superiora – Aqui, ponha isto. E se eles quiserem interrogá-lo, diremos que fez um voto de silêncio.

O traficante deixa o local para mudar. A Irmã Inês entra em cena.

Madre Superiora – Finalmente ela aparece, Irmã Inês! O polícia acabou de sair. Escapámos por um milagre.

Irmã Inês – Eu sei, fui eu quem colheu a plantação inteira para evitar problemas com a polícia.

Teresa – Onde a deixou?

Irmã Inês – Bem, na capela, onde mais podia ser?

Bernardo – Mas isso é uma loucura! O comissário estará de volta em breve com um mandado de busca.

O traficante está de volta com a roupa da sua freira.

Irmã Inês – Bom dia, Irmã. Bem-vindo ao nosso convento.

Traficante – Ei, eu não pretendo fazer disso um hábito.

Irmã Prudência – Bem, se eu fosse a si, abrigar-me-ia por um bocado à medida que a tempestade passa.

Bernardo – Em qualquer caso, a túnica fica-lhe muito bem.

Madre Superiora – E o convento está sempre a precisar de voluntários.

Teresa – Bem, eu não me importaria de desistir do meu lugar na loja... embora não seria muito discreto dizer...

Madre Superiora – Ele poderia cuidar do jardim, é claro que ela tem uma boa mão com as plantas.

Irmã Prudência – Sim...

Madre Superiora – Entretanto, Irmã Inês, dê-lhe uma cela, ele não pode ficar aqui.

Traficante – Uma cela? O quê? que diz?

Irmã Inês – Não se preocupe, a cela que vamos deixar para si pode ser aberta por dentro.

O traficante e a Irmã Inês deixam o local.

Irmã Prudência – Vai mesmo fazê-lo cultivar marijuana no claustro, Madre?

Madre Superiora (*surpreendida*) – Foi isso que eu disse?

O polícia aparece novamente com o mandado de busca.

Polícia – É isso mesmo. Aqui está o mandado de busca.

Madre Superiora – Estamos completamente dispostos a colaborar consigo, mas..., antes de mais, Teresa, dê ao Comissário um copo do nosso melhor elixir para para lhe dar as boas-vindas.

Teresa – Sim, Madre.

Madre Superiora – Deixo-vos, vou rezar por vós.

A Madre Superiora deixa o local.

Teresa – Quero que experimente a nossa especialidade, o famoso elixir de Santa Maria-Joana.

Polícia – É muito amável, mas eu tenho trabalho a fazer aqui.

Bernardo – É uma tradição de boas-vindas, Comissário, seria uma grande ofensa para irmãs recusar o seu convite.

Polícia – Está bem, está bem... Está bem. Mas rapidamente, estou com pressa.

Teresa serve-lhe um grande copo de licor. O polícia começa a beber com um certo desconfiança, mas é rápido a animar.

Polícia – Ah, sim, é muito bom. É engraçado, eu acho um gosto a...

Teresa – Sim, sim, maçã. Penso que esse é o novo ingrediente.

Bernardo – Ele é muito bom em tudo, Comissário. Até o ajuda a encontrar o suspeito.

Teresa – Vou servir-lhe outro copo.

O polícia prepara-se para protestar, mas o copo já está novamente cheio.

Polícia – Bem, vá lá... Obrigado, irmã...

Ele bebe novamente.

Polícia – É verdade que isto acalma os nervos...

Irmã Prudência – É por isso que dentro deste convento existe um grande serenidade.

Polícia – Bem, sim, sinto-me realmente relaxado. Bom, agora, se me dão licença, Tenho um registo a fazer.

Irmã Prudência – Estou consigo, Comissário.

O polícia dirige-se para a saída com um passo instável ao lado da Irmã Prudência.

Teresa – Tudo está perdido! Receio que acabemos na prisão.

Bernardo – Tudo o que podemos fazer agora é rezar...

Teresa – Acho que as prisões não serão mistas, pois não?

Bernardo – Não mais do que os conventos, receio eu.

Teresa – Portanto, não há hipótese de acabarmos juntos na mesma cela?

Bernardo – Não, nenhum.

Teresa – Então... Beija-me, Bernardo!

Teresa e Bernardo preparam-se para beijar, mas o traficante, que ainda está vestido como Freira, interrompe-os.

Traficante – Acabei de ver o polícia a passar. Penso que desta vez estamos perdidos.

Teresa – Com um pouco de sorte não vão encontrar nada. drogámos o comissário.

Traficante – De qualquer forma, há uma boa pilha de erva pelo presépio.

Teresa – Nesse caso, vamos continuar a rezar para que um milagre aconteça.

Teresa e Bernardo começam a rezar. O traficante imita-os. A música religiosa é ouvida enquanto rezam e a luz desce por um momento para simbolizar a passagem do tempo.

Polícia – Bem, irmãs, desculpem incomodar-vos no meio da oração, já acabei com o registo.

O traficante esconde-se atrás do véu e não responde.

Teresa – Perdoe a irmã, Comissário, ela também fez um voto de silêncio.

Polícia – Compreendo... De qualquer forma, peço-vos que aceitem as minhas desculpas. Não encontrei nenhum vestígio de marijuana ou do suspeito em todo o convento. Já agora o presépio da capela é realmente maravilhoso. Bem, vou deixar-vos a foto do suspeito. Se o vir por aí, diga-nos. Desculpe-me novamente e Feliz Natal.

O polícia está de partida. A Madre Superiora chega com a Irmã Prudência e a Irmã Inês.

Irmã Inês – É um milagre! Quando chegámos à destilaria...

Teresa – Quando chegamos à destilaria, o quê?

Irmã Prudência – A marijuana tinha sido transformada em folhas de louro.

Teresa – Louvado seja! Vamos agradecer a Santa Maria-Joana!

Irmã Inês – Este é o sinal de que temos estado à espera! A prova óbvia de que o Pai Natal apoia o nosso projecto.

Madre Superiora – Não vá tão depressa, Irmã Inês, este milagre foi obra minha.

Bernardo – Então, Madre, a irmã é que mereces ser beatificada!

Madre Superiora – Ontem decorei o presépio com ramos de louros. E, como tive de esconder os maços de marijuana da capela, tudo o que fiz foi colocá-los por baixo.

Irmã Inês – Ah, certo! Muito boa ideia!

Irmã Prudência – Um presépio de Natal decorado com marijuana... Pelo amor de Deus!

Madre Superiora – Isto é temporário, irmã... E agora, espero que tudo volte a normalidade.

Irmã Inês – O que quer dizer com isso, madre?

Madre Superiora – O que está a ouvir irmã. Não há cannabis no licor. Voltamos à velha receita.

Irmã Inês – Mesmo que o convento esteja insolvente?

Madre Superiora – Não estou assim tão preocupada, Irmã. A religião católica sobreviverá como sempre sobreviveu. Se necessário, transformamos as nossas celas em quartos e transformar isto num hotel.

A Irmã Inês parece desapontada, mas aceita.

Traficante – Desculpe, madre, mas deve-se sentir muito envergonhada. Ainda assim, saiba que aprendi muitas coisas desde que vesti esta túnica.

Madre Superiora – Eu perdoo-te, meu filho. Fizeste-me recordar a minha juventude quando ainda estava a combater o sistema com o Abade Pedro.

Traficante – Bem, de qualquer forma, obrigado por não me entregar à polícia. A esta hora, sem si, já estaria provavelmente na prisão. Portanto, se eu puder ser útil de uma forma ou de outra...

Madre Superiora – Vamos pensar no assunto, filho. Entretanto, volte para a sua cela.

A luz apaga-se.

Final

Um ano mais tarde, a calma voltou à loja do convento. A Irmã Prudência faz as contas atrás do balcão e a Irmã Inês aparece com uma caixa cheia de velas.

Irmã Prudência – É engraçado, voltámos à velha fórmula, e ainda assim o nosso elixir vende muito melhor do que antes.

Irmã Inês – É porque mudámos o rótulo. Os nossos clientes pensam que o frasco ainda contém a nova fórmula. Chama-se o efeito placebo.

Irmã Prudência – Sim, parece ser o suficiente para os manter felizes. Como é costume dizer: olhos que não vêem, coração que não sente.

Irmã Inês – De qualquer forma, Irmã Prudência, vim despedir-me...

Irmã Prudência – Então é verdade? Vai-se embora? Já nos vai deixar?

Irmã Inês – Sim, decidi desistir da vida monástica.

Irmã Prudência – Porquê? Outra aparição de Nossa Senhora?

Irmã Inês – O oposto. Quando os meus colegas de turma na universidade descobriram que eu tinha tomado os hábitos, confessaram-me que, antes de eu ter a visão da Virgem, tinham-me dado, sem o meu conhecimento, uma pizza com cogumelos alucinogénios. Uma piada de mau gosto pelo aspecto.

Irmã Prudência – Cogumelos alucinogénios?

Irmã Inês – Sim. Foi provavelmente daí que surgiu a aparição milagrosa da Virgem...

Irmã Prudência – Deus no céu! Seja como for, ficamos a dever-lhe uma. Graças a si relançamos as finanças do convento e deram frutos.

Irmã Inês – Obrigada, Irmã, não é nada de especial.

Irmã Prudência – Felizmente, Irmã Inês, continuo a acreditar que o seu lugar não era em um convento...

Irmã Inês – Eu sei, embora vá sentir a sua falta. Mas não se preocupe, eu passo por aqui para dizer olá de vez em quando.

Teresa e Bernardo também aparecem vestidos de hippies.

Irmã Prudência – Olá, Teresa! Olá, Bernardo! Então? Quando é que o casamento?

Bernardo – Bem, por agora não, Irmã Prudência. Por enquanto, vamos continuar a viver em pecado. Não é verdade, querida?

Teresa – Definidamente, o casamento não é para todos.

Bernardo – E se não, olhe para a Victorina, logo após ter casado e ficou viúva. Não sei se pode dizer que o casamento fez muito bem ao pobre António.

Teresa – Uma overdose de felicidade, talvez.

Bernardo – De qualquer modo, não gostaria de acabar como ele.

Irmã Prudência – Mas é muito mais novo que António, Bernardo...

Risos gerais.

Teresa – Então, Irmã Prudência, um novo recomeço, não é assim?

Irmã Prudência – De facto. Não foi só o nosso elixir que relançou o convento. Agora também vendemos as novas velas de Santa Maria-Joana e olhe que desaparecem das prateleiras num instante.

Irmã Inês – Olha, tenho aqui o suficiente para encher as prateleiras. Estive a fabricar-las esta manhã com o novo voluntário que me irá substituir nas minhas funções.

Irmã Prudência – Confiou o segredo de St. Maria Joana ao traficante?

Irmã Inês – Penso que podemos confiar nele, irmã... Aquele que está livre de pecado, que atire a primeira pedra.

Irmã Prudência – Em qualquer caso, não se o vê com muita frequência.

Bernardo – A verdade é que tem boas razões para ser discreto. Claro que sim, está melhor aqui do que na prisão.

Irmã Inês – Agora também o tenho a fazer as velas com uma nova fórmula. Temos incluindo os cogumelos e outros cogumelos que cultivamos nas catacumbas de convento. Vai ver... É dinamite pura!

Bernardo – Vou acender uma imediatamente, irmã.

Bernardo acende uma vela e todos respiram fundo.

Teresa – Agora que o menciona, elas libertam realmente um aroma forte.

Irmã Prudência – Que cheiro bom!

Teresa – Sim, cheira a santidade!

Bernardo – Tenho a certeza que se colocarmos estas velas nas missas, a Igreja estará sempre cheia de gente!

A Madre Superiora chega e ouve esta última frase.

Madre Superiora – Pelo amor de Deus! Outro milagre de Santa Maria-Joana!

A Madre Superiora é santificada e todas elas permanecem estáticas enquanto soa, mais uma vez música religiosa.

A luz apaga-se e a cortina fecha-se.

Fim

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Encontro na plataforma
Euro Star
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plagio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada
Um Pequeno Assassinato sem Consequências

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Janeiro 2022
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-604-0

Documento para download gratuito